

O DĒMOS VAI À GUERRA: TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DOS FR. II E III FGE ATRIBUÍDOS A SIMŌNIDES DE CEOS

ROBERT DE BROSE*

Universidade Federal do Ceará

Resumo. No presente artigo irei traduzir e comentar os fragmentos II e III FGE, atribuídos a Simônides de Ceos. A partir da análise do texto, do contexto histórico e das evidências textuais, irei argumentar que os dois epigramas referem-se a um mesmo evento, a saber, a Batalha da Calcídia de c. 507/6 a.C., sendo que o II FGE refere-se aos atenienses mortos em combate e, provavelmente, fazia parte de uma monumento colocado *in situ*, no local da vitória, ou em um *mnēma* na cidade de Atenas, ao passo que o outro epigrama, que apresenta uma continuidade temática com o II FGE, fazia parte de um monumento dedicado à vitória sobre os beócios na batalha supracitada.

Palavras-chave. Simônides de Ceos; epigrama; II FGE; III FGE.

D.O.I. 10.11606/issn.2358-3150.v17i2p3-30

Ἀθηναῖοι μὲν ἠὔξηντο. Δηλοῖ δὲ οὐ κατ'ἕν μόνον ἀλλὰ πανταχῆι ἡ ἰσηγορίῃ ὡς ἐστὶ χρῆμα σποδαῖον, εἰ καὶ Ἀθηναῖοι τυραννεύομενοι μὲν οὐδαμῶν τῶν σφέας περιοικεόντων ἦσαν τὰ πολέμια ἀμείνονες, ἀπαλασθέντες δὲ τυράννων μακρῶι πρώτοι ἐγένοντο. Δελοῖ ἄν ταῦτα ὅτι κατεχόμενοι μὲν ἐθελοκάκεον ὡς δεσπότηι ἐργαζόμενοι, ἐλευθερωθέντων δὲ αὐτὸς ἕκαστος ἐωυτῶι προεθυμέετο κατεργάζεσθαι.¹
— Heródoto, 5.78

NO QUE SE SEGUE IREI ANALISAR DOIS EPIGRAMAS ATRIBUÍDOS A SIMŌNIDES de Ceos tanto pelas antologias antigas quanto pela maioria dos comentadores modernos. A razão pela qual resolvi reuni-los neste artigo é a de que acredito que ambos referem-se a um mesmo evento, a saber, a Batalha da Calcídia (c. 507/6 a.C.), em que os atenienses, lutando em dois frentes, fo-

* Professor Doutor de Língua e Literatura Grega da Universidade Federal do Ceará.

** Artigo recebido em 26.jul.2014 e aceito para publicação em 30.set.2014.

¹ “E os atenienses prosperaram. Fica assim evidente, não somente com relação a um aspecto, mas de um modo em geral, o quanto a igualdade de voz e voto (*isēgoriā*) é algo excelente; pois se eles, porquanto tiranizados, em nada eram superiores a seus vizinhos na lição da guerra, uma vez libertados dos tiranos, tornaram-se, de longe, os primeiros. Tudo isso demonstra, sem sobre de dúvida, que, quando oprimidos, fingiam ser covardes, como se trabalhassem para um senhor, mas que, libertos, cada um deles zelava para atingir grandes feitos [em combate].”

ram capazes de derrotar primeiramente os espartanos liderados por Cleomenes para, em seguida, enfrentar os beócios, ainda no continente e, no mesmo dia, cruzarem para a ilha da Eubeia e derrotarem os calcídios, dessa forma afastando de uma vez por todas o perigo de uma reinstauração da tirania na cidade de Atenas, como era a intenção da campanha espartana.

Esses epigramas são importantes por pelo menos três motivos. Em primeiro lugar, o III FGE é citado por Heródoto como uma forma de salientar o crescente protagonismo da cidade de Atenas em defesa da liberdade e, de certa forma, aparece no ponto de inflexão em sua narrativa, isto é, quando, libertada do jugo dos filhos de Pisístrato, o povo de Atenas engaja-se em uma série de campanhas militares que irão visar a preservação do recém-instaurado governo democrático tanto contra inimigos internos, como os espartanos, quanto externos, como os persas. O evento da Batalha Calcídia, portanto, serve de pano de fundo para os grandes feitos de coragem que serão narrados nos livros seguintes, como a Batalha de Maratona e as subseqüentes campanhas contra os persas. Dessa forma, esse episódio da guerra contra espartanos, beócios e calcídios também serve para, etiológicamente, explicar os sucessos posteriores dos atenienses ao integrá-lo à narrativa como uma espécie de marco inaugural de uma série temporal em que o crescimento² de Atenas, de mero poder regional a principal protagonista das Guerras Médicas e, posteriormente, à império marítimo, é enquadrado como o “destino manifesto” de um povo regido por um determinado sistema político aparentemente favorecido pela própria narrativa do historiador.³

Em segundo lugar, os dois epigramas revelam uma linguagem claramente influenciada por uma ideologia que já valorizava o coletivo em detrimento do individual, numa importante mudança de paradigma no que diz respeito aos valores aristocráticos presentes em inscrições do período arcaico. Nos dois epigramas sob análise, ao invés de termos a fórmula “fulano, filho de x, da cidade y fez z” temos a expressão de uma coletividade manifestada, na primeira inscrição, por meio de dêicticos⁴ que reforçam a ideia de um esforço de guerra pelo bem comum do δήμος, que, em troca, se responsabiliza (δημοσίᾳ, dat. instr.) pela “memorialização” de seus cidadãos. Na segunda inscrição, por outro lado, salta aos olhos a expressão “filhos de Atenas”, que não deixa espaço para a glorificação de generais ou de guerreiros que possam ter se sobressaído no campo de batalha. Ainda mais, nota-se aí uma clara mudança de perspectiva no que tange à responsabilidade

² Ἀὔξησις, uma palavra chave para o Livro 5, cf. a epígrafe, por exemplo.

³ Cf. os discursos de Otanes, Megabizo e Dario no Livro 3.80 *et seq.*

⁴ Pronomes e desinências número-pessoais apenas: ἡμῖν, -μεν, -οι.

pela vitória na guerra e pela punição da soberba (ὑβρις) dos homens: muito embora a oferenda deixe claro a gratidão dos combatentes à deusa tutelar da cidade, são eles próprios, e não os deuses, ou a deusa, os responsáveis por “extinguir” a soberba dos inimigos e, conseqüentemente, a sua própria exaltação ocupa a maior parte da inscrição, ao passo que a menção à deusa resume-se à uma única palavra, Πάλλαδι, “para Palas”.

Uma outra razão para tratar desses dois epigramas em conjunto é que, se assumirmos que eles se referem a um mesmo evento (com o que a maior parte da crítica parece concordar), mas, sobretudo, que a voz que fala por meio de ambos é a dos atenienses – i.e., a dos mortos em combate, no primeiro epigrama, e a dos sobreviventes, no segundo –, como pretendo argumentar, então temos aí um raro exemplo de duas inscrições com propósitos bastante distintos para uma mesma ocasião,⁵ mas que, apesar disso, aparentam preservar uma surpreendente coerência temática em termos de estilo e dicção, o que apontaria para um mesmo autor. Infelizmente, como veremos, o primeiro epigrama nos foi transmitido apenas pela via literária, mas há razões para se crer que ele possa ter sido de fato uma inscrição real, provavelmente gravada em algum tipo de monumento erigido no próprio local da batalha, onde os guerreiros teriam tombado, ou então, como acredito ser mais plausível, na cidade de Atenas, acompanhado por uma lista contendo o nome dos mortos.

TEXTO⁶

FGE II

H ₁	Δίρφυος ἐδμήθημεν ὑπὸ πτυχί, σῆμα δ' ἐφ' ἡμῖν
P ₁	ἐγγύθεν Εὐρίπου δημοσίᾳ κέχυται·
H ₂	οὐκ ἀδίκως, ἐρατὴν γὰρ ἀπωλέσαμεν νεότητα
P ₂	τρηχεῖαν πολέμου δεξάμενοι νεφέλην.

Domados sob um vale de Dirfi, um sinal sobre nós,
 perto do Euripo, pelo povo foi deitado:
 Não injustamente, pois a amável mocidade arruinamos,
 ao enfrentar do combate a áspera nuvem.

⁵ Quais sejam esses propósitos irei discutir na próxima seção.

⁶ II e III FGE: Page 1975, respectivamente, acrescidos de sinais editoriais.

FGE III

H₁ [Δεσμῶ ἐν †άχνυόεντι† σιδήρωι ἔσβησαν ὕβ]ριν
 P₁ παῖδε[ς Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐν πολέμου]]
 H₂ [ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες·]
 P₂ τῶν ἵππους δεκά[την Παλλάδι τᾶσδ' ἔθεσαν].⁷

Num dolente grillhão de ferro, extinguiram a soberba
 os filhos de Atenas, nos trabalhos de guerra,
 hordas de beócios e de calcídios após terem dominado:
 desses co'ó dízimo estas éguas⁸ à Palas dedicaram.

EDIÇÃO E FORTUNA CRÍTICA⁹

O epigrama Sim. II FGE é fruto da transmissão literária apenas, aparecendo unicamente no apêndice à *Antologia de Planudes* (API), sob o cabeçalho “Σιμωνίδου”,¹⁰ ou seja, [da obra/epigramas?] de *Simônides*, o que indica que ou já deveria estar disponível no assim chamado “*Sylloge Simonidea*” (c. 100 a.C.)¹¹ ou que poderia ter sido transmitido via uma tradição mais antiga, já que os todos os epigramas desta seção da API, que são oriundos de inscrições que acompanhavam obras de arte, não se encontram na *Antologia*

⁷ Os sinais [e] indicam o texto recuperado dos remanescentes arqueológicos.

⁸ Isto é, as *estátuas* das éguas a puxar uma quadriga, cf. Heródoto 5.77 e mais abaixo. A menos que indicado em contrário, todas as traduções são minhas. Cf. também Brose 2008, Brose 2011.

⁹ A menos que seja indicado em contrário, todos os autores antigos foram consultados usando-se a base de dados do TLG-E (*Thesaurus Linguae Graecae*, [Calif.]: University of California, Irvine, 2000) e PHI (*Latin Library*, Packard Humanities Institute, PHI v. 5.3 CD-ROM, 1991) por meio do programa Diógenes v. 3.1 (Disponível em <<http://www.dur.ac.uk/p.j.heslin/Software/Diogenes/index.php>>, acesso em junho de 2014) e, portanto, a numeração de referência apresentada nas citações segue o padrão adotado nas edições daquelas coleções.

¹⁰ Paton 1979, 5.16.26 (também Simônides 89; Bergk 87 D). Sobre a pertinência dessa indicação de autoria a Simônides, ver mais abaixo a discussão sobre o *P. Oxy.* 2535 e a n. 23.

¹¹ A *Sylloge Simonidea* é um arquétipo teórico donde teriam sido extraídos os epigramas que lhe são atribuídos em muitas outras συλλογαί. As primeiras coleções desse tipo de que temos notícias são as assim chamadas “Coroas”: a de Meleagro” (c. séc. I a.C.), a de Filipe (do período Augustano) e o “Ciclo de Agatias”, do período Justiniano, reunidas por Constantino Cefalas na *Antologia Palatina* (AP, c. séc. X d.C.), cujo único manuscrito encontra-se Biblioteca Palatina, em Heidelberg. Outras prováveis fontes utilizadas por Cefalas foram epigramas retirados de escritores bem conhecidos em sua época: da *Musa Puerilis*, de Estratão (Livro XII), uma coleção de poesia amorosa de Rufino e epigramas de Paladas (séc. V d.C.), cf. Paton 1979, v et seq.. No séc. XII ou XIII d.C. o erudito Máximo Planudes reeditou o trabalho de Cefalas, dando origem ao que hoje conhecemos como a *Antologia de Planudes*. Sobre a possibilidade de que os epigramas de Simônides possam ter sido coletados ainda durante a vida do poeta, cf. Sider 2007.

Palatina (AP).¹² De acordo com Page,¹³ o estilo, o tema e o tom do epitáfio estão de acordo com a temática daquela coleção. Ao contrário do III FGE, esse epigrama nunca recebeu muita atenção da crítica especializada.

A história da transmissão e estabelecimento do texto do Sim. III FGE, por outro lado, é bastante mais variada e produziu uma bibliografia considerável a partir do séc. XIX.¹⁴ Mesmo sua autoria é disputada pela maior parte dos especialistas, já que as quatro fontes antigas¹⁵ que o citam são vagas a esse respeito. A ideia de inseri-lo numa coletânea de epigramas de Simônides veio, na verdade, de seu primeiro editor moderno, Schneidewin,¹⁶ em 1835, seguido por Bergk,¹⁷ em 1882. Ambos citam as vinte linhas do Περὶ τοῦ Παραφθέγματος,¹⁸ de Élio Aristide, no qual aparecem em sequência três epigramas atribuídos a Simônides (21, 38, e 45) finalizados por um excerto do III FGE.¹⁹ Page,²⁰ no entanto, herdeiro da cautela de Kaibel,²¹ e retomando o argumento de Boas,²² defende que apenas a proximidade do nome não seria suficiente para que a autoria de qualquer um dos epigramas seja atribuída a Simônides, não obstante o fato de que ele é mencionado, juntamente com Píndaro, antes e depois dos exemplos supracitados.

Em 1995, contudo, E. G. Turner²³ publicou um papiro, oriundo da antiga cidade egípcia de Oxirrínco (moderna *el-Bahnasa*) e datado do final do século I d.C., em que é possível se reconstruir o nome Σιμωνιδ- a partir das letras]ιμωνι[que aparecem logo acima de uma parte identificável do

¹² Paton (1979, v) supõe que os epigramas do apêndice da AP1 tenham pertencido a um livro perdido da coleção de Cefalas.

¹³ Page 1981, 189.

¹⁴ Cf. Page (1981, 189 n.13, passim) e Petrovic (2007, 209) para uma lista de comentadores modernos.

¹⁵ Heródoto 5.77; Diodoro, *Bibliotheca Historica* 10.24.3; Aristides, Περὶ τοῦ Παραφθέγματος, 380.20 e a *Anthologia Planudeae* 6.343. O copista A da *Anthologia Palatina* é bem explícito nesse sentido, ao acrescentar, ao fim do epigrama, “ἄδηλον”; o copista de C, aparentemente referindo-se ao texto de Heródoto, acrescenta-lhe “Ἡροδότου”. Cf. Hauvette-Besnault 1896, 130 n.68.

¹⁶ Schneidewin 1835, 176: “Ceo poetae vindicamos auctoritate Aristidis περι παραφθέγμ. III, p. 647. Canter.”

¹⁷ Bergk 1878–1882, 784.

¹⁸ Aristid. 380.2–22.

¹⁹ Aristid. 380.20–2: “ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδῆων δαμάσαντες / παῖδες Ἀθηναίων’ οἶμα λέγει τὸ ἐπίγραμμα καὶ πολλὰ ἕτερα.” H2 e o primeiro pentâmetro de P1, portanto.

²⁰ Page 1981, 189.

²¹ Kaibel 1878, 304 (ep. 748): “Simonidem epigramma non fecisse vel inde adparet quod cum litterae tituli ol. 82 antiquiores non essent verissime conlegit Kirchoff tempore posteriore arce a Pericle magnifice redintegrata epigramma incisum esse.”

²² Boas 1905, 92–6.

²³ P. Oxy. n. 2535, in P. Oxy. vol.31, edited by E. G. Turner (1996). Uma foto do papiro pode ser acessada no site *Oxyrrhynchus Online*, mantido pela Universidade de Oxford (<http://www.papyrology.ox.ac.uk/POxy/ees/ees.html>, acessado em julho de 2014). Uma primeira análise do papiro foi feita por Turner 1962 e, posteriormente, por Sider 1976.

III FGE,²⁴ sendo que um genitivo, i.e., Σιμωνίδου, parece ser uma opção bastante plausível, se não a única que faça algum sentido. Ainda que essa não seja uma prova inatacável de autoria, ela é uma forte evidência de que, no mínimo, existia na Antiguidade uma tradição de atribuir essa inscrição a Simônides, algo que, devido ao impasse atual da pesquisa, já é uma importante descoberta.

Uma das poucas coisas de que se tem certeza, aliás, é de que o epigrama foi, de fato, uma inscrição real, uma vez que os remanescentes arqueológicos de duas bases de pedra foram encontrados, durante escavações realizadas entre 1869 e 1887, nas quais se pode identificar o texto dos epigramas.²⁵ São dois grupos de fragmentos de épocas distintas, identificados a partir daqui como (a) e (b).²⁶

O pedaço da base mais antiga (a), com dimensões de cerca de 30 × 51 × 37 cm, foi cortada em granito eleusino azulado e deveria ter originalmente por volta de 2,85 m de largura. Suas letras, gravadas no alfabeto ático, medem aproximadamente 3 cm de altura e foram cuidadosamente encaixadas na grade desenhada pelo artesão, embora a inscrição não tenha resultado numa disposição estíquiica,²⁷ ainda que disposta em dois dísticos compostos, cada um, de um hexâmetro seguido de um pentâmetro separados pelo sinal [:], algo usual a partir do VI século a.C. Esta base, junto com o monumento que lhe acompanhava, foi destruído pelos persas na invasão de 480 a.C., como veremos mais abaixo.

A base (b), mais recente, é, na verdade, um conjunto de quatro fragmentos de mármore pentélico, dos quais três são oriundos do lado direito da pedra e apresentam dimensões aproximadas de 17,5 × 61 × 41 cm, enquanto o quarto, oriundo do lado esquerdo, mede cerca de 12 × 12 × 15 cm. O tamanho original deve ter sido semelhante ao de (a). As letras de (b), gravadas no alfabeto ático e dispostas sobre uma superfície que foi, posteriormente, polida, medem cerca de 2,5 cm de altura e, ao contrário de (a) resultaram num arranjo estíquiico. As evidências paleográficas permitem datá-la do início de séc. v a.C.

²⁴ H₂ seguido de P₁, i.e., na ordem em que aparecem em Heródoto, veja mais abaixo.

²⁵ Para a descrição original, cf. Kirchhoff 1887, *Sitzungsberichte der Akademie zu Berlin* (p. 112), não consultado por mim. De acordo com Hicks (1901, 13 n.12): (a) “[was] found in the ruins of a large building NE. of the Propylaia” e (b) “[was] discovered on the Acropolis”. Petrovic (2007, 211) alega que o local onde os fragmentos de (b) foram descobertos é desconhecido e que apenas a data (1869) inscrita no fragmento oriundo lado direito pode ser determinada com precisão.

²⁶ Respectivamente, IG I² 394 (c. 507) e IG I 334(a) e 373 (c. 457–446).

²⁷ Ou στοιχήδον, isto é, quando há um alinhamento vertical entre as letras de linhas diferentes. Os gravadores costumavam desenhar uma grade a carvão, em cujos quadrados eram, então, inscritas as letras.

A identificação das inscrições com os epigramas transmitidos pela via literária está assegurada pela superposição da menção ao dízimo e às éguas (τῶν *híππος* δ[/]ὄν *híππος* δεκάτ[), nos dois fragmentos, e aos “trabalhos dos (filhos) dos atenienses” (]ες Ἀθηναίων ἔργμα[), no segundo. Abaixo reproduzimos a transcrição epigráfica das duas bases, colocando em negrito o texto da pedra, para distingui-los dos suplementos editoriais²⁸:

(a)

[δεσμοὶ ἐν ἀχνύεντι(?) σιδερέοι ἔσβεσαν *hύβ[ρι]ν* : / *παῖδε*[ς Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐμ πολέμο] / [ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες] : / **τῶν *híππος* δ[εκάτεν Παλλάδι τάσδ' ἔθεσαν]**.

(b)

[ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμά]σαν[τες] / [παῖδ]ε*s* **Ἀθηναίων ἔργμα**[σιν ἐμ πολέμο] / [δεσμοὶ ἐν ἀχνύεντι(?) σιδερέοι ἔσβε]σαν [*hύβριν*] / [τ]ὸν *híππος* **δεκάτ**[εν Παλλάδι τάσδ' ἔθεσαν].

Um fato que imediatamente chama a atenção é que o fragmento (b), mais recente, tinha os hexâmetros na mesma ordem das quatro fontes literárias que o citam,²⁹ i.e., o primeiro dístico começando ἔθνεα κτλ. e o segundo, δεσμῶι κτλ. O fragmento (a), contudo, apresentava uma ordem inversa, o que nos permite concluir que os autores responsáveis pela transmissão do texto só tiveram acesso a (b). É muito provável, portanto, que (a) tenha sido destruído (junto com o monumento que portava) durante a invasão persa de 480/79 e que, mais tarde,³⁰ uma reconstrução tenha sido levada a cabo, ocasionando, por razões não de todo claras, a inversão dos dísticos quando da gravação da nova base (b), certamente uma cópia da base do monumento original.³¹

Heródoto,³² nossa fonte mais antiga, faz referência à destruição promovida pelos persas enquanto menciona a inscrição que, segundo ele, podia ser vista na base de uma quadriga de bronze construída com um décimo do resgate dos cativos beócios, precisamente como mencionado no epigrama, à esquerda de quem entrava no Propileu em direção à Acrópole:

²⁸ IG I³, 501 (IG I³.394,II/I; DAA 168, 173), in *Searchable Greek Inscriptions: A Scholarly Tool in Progress*. The Packard Humanities Institute, 2012 (disponível em <http://epigraphy.packhum.org/inscriptions/main>, acessado em julho de 2014).

²⁹ Page 1981, 192. Vide nota 15, acima.

³⁰ Talvez para celebrar a vitória dos atenienses em Oinófitá (c. 457), assim West (1985, 283), Hauvette (1896) e outros. Cf. Petrovic 2007, 211. Sobre a Batalha de Oinófitá, vide Tucídides 1.108.

³¹ Do qual (a) deve ser um dos fragmentos.

³² 5.77 et seq.

διαλυθέντος ὧν τοῦ στόλου τούτου ἀκλεῶς, ἐνθαῦτα Ἀθηναῖοι τίνυσθαι βουλόμενοι πρῶτα στρατιήν ποιεῦνται ἐπὶ Χαλκιδέας. Βοιωτοὶ δὲ τοῖσι Χαλκιδεῦσι βοηθήουσι ἐπὶ τὸν Εὐριπον. Ἀθηναῖοισι δὲ ἰδοῦσι τοὺς Βοιωτοὺς ἔδοξε πρότερον τοῖσι Βοιωτοῖσι ἢ τοῖσι Χαλκιδεῦσι ἐπιχειρεῖν. συμβάλλουσι τε δὴ τοῖσι Βοιωτοῖσι οἱ Ἀθηναῖοι καὶ πολλῶ ἐκράτησαν, κάρτα δὲ πολλοὺς φονεύσαντες ἑπτακοσίους αὐτῶν ἐζώγησαν. τῆς δὲ αὐτῆς ταύτης ἡμέρης οἱ Ἀθηναῖοι διαβάντες ἐς τὴν Εὐβοίαν συμβάλλουσι καὶ τοῖσι Χαλκιδεῦσι, νικήσαντες δὲ καὶ τούτους τετρακιχίλιους κληρούχους ἐπὶ τῶν ἵπποβοτέων τῇ χώρῃ λείπουσι. οἱ δὲ ἵπποβοταὶ ἐκαλέοντο οἱ παχέες τῶν Χαλκιδέων. ὅσους δὲ καὶ τούτων ἐζώγησαν, ἅμα τοῖσι Βοιωτῶν ἐζωγημένοισι εἶχον ἐν φυλακῇ ἐς πέδας δῆσαντες· χρόνῳ δὲ ἔλυσαν σφέας διμίνας ἀποτιμησάμενοι. τὰς δὲ πέδας αὐτῶν, ἐν τῆσι ἐδεδέατο, ἀνεκρέμασαν ἐς τὴν ἀκρόπολιν· αἶ περ ἔτι καὶ ἐς ἐμὲ ἦσαν περιεοῦσαι, κρεμάμεναι ἐκ τειχέων περιπεφλευσμένων πυρὶ ὑπὸ τοῦ Μήδου, ἀντίον δὲ τοῦ μεγάρου τοῦ πρὸς ἐσπέρην τετραμμένου. καὶ τῶν λύτρων τὴν δεκάτην ἀνέθηκαν ποιησάμενοι τέθριππον χάλκεον· τὸ δὲ ἀριστερῆς χειρὸς ἔσθηκε πρῶτον εἰσόντι ἐς τὰ προπύλαια τὰ ἐν τῇ ἀκροπόλει· ἐπιγέγραπται δὲ οἱ τάδε:

ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες
παῖδες Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐν πολέμου,
δεσμῶ ἐν ἀχλύεσσι σιδηρέῳ ἔσβεσαν ὕβριν·
τῶν ἵππους δεκάτην Παλλάδι τάσδ' ἔθεσαν.

Havendo essa expedição militar [i.e., de Espartanos e aliados coríntios] dispersado-se sem fama, os atenienses – então desejando vingar-se – organizaram um exército para atacar primeiramente os calcídios; os beócios, porém, vieram em sua ajuda através do Euripo. Vendo os beócios, os atenienses acharam melhor derrotá-los antes de cuidar dos calcídios e, engajando-se com aqueles, dominaram-nos completamente, exterminando um número impressionante e levando 700 cativos. Ainda nesse mesmo dia, os atenienses atravessaram para a Eubeia e deram combate aos calcídios. Vencendo-os, assentaram 4000 colonos na terra dos *Hipobótes*, após o que deixaram a região. *Hipobótes* [i.e., criadores de cavalos] é como são chamados os aristocratas da Calcídia. Esses, então, aprisionados juntamente com aqueles da Beócia, foram mantidos como cativos sob guarda e amarrados pelos pés com grilhões, sendo que, após certo tempo, foram resgatados a duas minas por cabeça. Os grilhões de seus pés, com os quais foram acorrentados [uns aos outros], foram expostos na Acrópole. Estes, ainda no meu tempo, lá subsistiam, pendendo dos muros chamuscados pelo fogo dos medas, aqueles muros opostos ao santuário que dá para o oeste. Com o dízimo do resgate construíram uma quadriga de bronze e a dedicaram [a Atena] à esquerda de quem entra na Acrópole através da Propileia. Nela mandaram inscrever os seguintes [versos]:

Em dolentes grilhões de ferro, extinguíram-lhes a soberba
os filhos de Atenas, nos trabalhos de guerra,
hordas de beócios e de calcídios após terem dominado:
desses co'o dízimo estas éguas à Palas dedicaram.

Há uma pequena alteração no texto, como transmitido por Diodoro da Sicília³³ que revela que a nova disposição dos dísticos pode ter causado problemas de interpretação do texto:

³³ *Biblioteca Histórica* 10.24.

(...) Ἀθηναῖοι δεξιῶς τῇ νίκη χρησάμενοι καὶ νικήσαντες Βοιωτοὺς τε καὶ Χαλκιδεῖς, εὐθύς ἀπὸ τῆς μάχης Χαλκίδος ἐκυρίευσαν. ἐκ τῆς ὠφελείας τῆς τῶν Βοιωτῶν δεκάτην ἄρμα χαλκοῦν εἰς τὴν ἀκρόπολιν ἀνέθεσαν τόδε τὸ ἐλεγίειον γράψαντες,

ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες
 παῖδες Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐν πολέμου³⁴
 δεσμῶ ἐν ἀχλύονεντι σιδηρέφ ἔσβεσαν ὕβριν
 ὦν ἵππους δεκάτην Παλλάδι τάσδ' ἔθεσαν.

Os atenienses souberam se aproveitar da vitória e, tendo derrotado os beócios e os calcídios, imediatamente após a batalha estabeleceram seu controle sobre a Calcídia. Do dízimo do butim dos beócios, dedicaram uma carruagem de bronze na Acrópole depois de lhe gravarem este *elegíon*:

Hordas de beócios e de calcídios após terem dominado
 os filhos de Atenas, nos trabalhos de guerra,
 em dolentes grillhões de ferro extinguiram-lhes a soberba,
 deles c'ó dízimo ergueram à Palas essas éguas.

É possível que Diodoro (ou um copista), ao examinar a fonte arquetípica que invertera os dísticos 1 e 2, deve ter achado obscura a expressão τῶν (...) δεκάτην, já que não fica claro aqui se o artigo, usado como um relativo, referia-se aos prisioneiros, ao resgate pago por eles ou ao butim obtido na conquista.³⁵ Através de seu texto, podemos inferir que resolveu optar pela última leitura, já que diz que foi com um décimo *do butim* logrado dos beócios (ἐκ τῆς ὠφελείας τῆς τῶν Βοιωτῶν δεκάτην) que se construía a quadriga em questão. Para que o epigrama se coadunasse à sua interpretação, no entanto, ele deveria mudar o τῶν (...) δεκάτην para ὦν (...) δεκάτην, i.e., “ὦν [τῆς ὠφελείας] δεκάτην”. Heródoto, no entanto, para quem o uso do artigo em detrimento da forma do relativo soaria mais natural, talvez não tenha estranhado a sintaxe e, conseqüentemente, transmitiu o texto como o vira gravado.³⁶

Felizmente as descobertas arqueológicas do século XIX confirmaram o texto de Heródoto e da *Antologia*, já que naqueles remanescentes vê-se claramente o uso do artigo genitivo plural τῶν com uma função anafórica.³⁷ Outrossim, com a transposição dos versos 1 e 3 para seus locais originais, como vistos no início desse artigo, percebemos que o artigo, antes deslocado, agora vem imediatamente após seu referente, “ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων” e, destarte, qualquer sombra de ambigüidade é eliminada do texto, a despeito das reservas de Page.³⁸ Para os atenienses vitoriosos não

³⁴ Vogel, 17: πολέμου ν.

³⁵ Assim, Friedländer 1948, 136: “Perhaps this ambiguity led to the transposition of v. 1 and v. 3 in the Periclean restoration.”

³⁶ Cf., e.g., Herod. 6.103: “ἦγον δέ σφεας στρατηγοὶ δέκα, ταῶν ὁ δεκάτος ἦν Μιλτιάδης”. Also Herod. 6.109–10, 7.52 e muitos outros.

³⁷ (a) –[τῶν] ἵππος δ[/ (b)] ὦν ἵππος δεκάτ[.

³⁸ Cf. seção “Tema, ocasião e classificação”, a seguir.

haveria diferença entre os cativos e o dinheiro que poderia ser pago por eles: como propriedade dos vencedores seu valor de troca estava assegurado e, assim, referir-se aos mesmos através do relativo genitivo plural ὧν seria de uma sutileza e humanismo estranho aos vencedores.

Da mesma forma é digno de nota que a ordem original, revelada pelas pedras, põe em relevo os grilhões com os quais os atenienses teriam extinguido a soberba dos inimigos, ao anunciá-los desde o primeiro verso. Grilhões estes que, ostensivamente pendurados no muro, deveriam, integrar, de certa forma, toda a “instalação” (como modernamente caracterizaríamos esse conjunto de μνήματα) da oferenda, destinada a propalar a superioridade militar da cidade e o valor que a liberdade democrática conferia aos seus cidadãos.³⁹

Um último e espinhoso problema no estabelecimento do texto final, e que tem desafiado gerações de estudiosos diz respeito à discrepância de uso entre as formas (a) ἀχνυθέντι (Herod. *codd.* AB e *Anthologia Planudeae*), (b) ἀχνυθέντι (Herod. *cod.* C), ἀχλυόεντι (Herod. *cett.*, e Diodor.) e (c) ἀχνύοεντι (Hecker).

Começando pela evidência da pedra, podemos perceber que a parte onde o adjetivo apareceria se perdeu. Reorganizando os dísticos de acordo com a reconstrução paleográfica (bastante precisa numa disposição estíquica⁴⁰), percebemos que sobram apenas oito espaços onde encaixar uma das possíveis variantes, o que, *prima facie*, excluiria definitivamente ἀχνυθέντι, por exceder em duas letras o espaço permitido.

Seja como for, nem ἀχνυθέντι nem mesmo ἀχνυθέντι (essa última, com nove letras) são possíveis aqui e por diversas razões, além da falta de espaço na pedra. O particípio aoristo de ἄχνυμαι não aparece em nenhum texto⁴¹ transmitido e, embora a possibilidade de um *hapax* não possa ser excluída, devemos lembrar que o υ deveria ser curto (ἀχνυθέντι), o que não é permitido pela escansão do hexâmetro, já que implicaria no *monstrum* -υυ -υ-υυ-υυ -υυ --. Por outro lado, a forma ἀχνυθέντι, ou não seria comum nesse período, segundo Page, ou impossível, segundo West.⁴²

³⁹ Cf. Heródoto 5.78.

⁴⁰ Cf. nota 27.

⁴¹ De acordo com Page (1981, 193) não faz o mínimo sentido o argumento de Friedländer (1948) de que um paralelo para ἀχνυθέντι, poderia ser visto em uma cópia feita por Sir George Wheler (Brit. Museum Add. MS 35,334) feita em 1676 durante sua visita a Atenas e posteriormente publicada por B. D. Meritt (1947, *Hesperia* 16:289) com o seguinte texto “ἀχνυθὲν τόδε δῶ-|ρον ὑπὲρ τάφον εἶσα-|το μήτηρ | παιδὶ φάου[σ] | ὀλίγου πάμπαν ἀπο<φ>θι>”. O texto em questão, segundo Page, é muito mais tardio, talvez mais de seis séculos, e Peek (GVI, n. 238, 62) está provavelmente correto em atribuir a forma ἀχνυθέν a um *lapsus calami*, quando o correto deveria ser ἀχνυόεν.

⁴² Page 1981, 193; West 1985, 283. Não há nenhum resultado para a busca de “αχνυθ-” no TLG. A despeito disso, a alegação de Page, ecoada por West, de que o significado “painful, grievous is incred-

O que nos leva ao nosso terceiro candidato, ἀχλύοντι. Aqui, novamente, temos uma letra a mais do que deveríamos, mas, de resto, o sentido parece ser adequado se levarmos em conta os paralelos encontrados em outros textos. Segundo Hesíquio,⁴³ ἀχλύν seria equivalente a σκοτιάν και ἀορασίαν, ou seja, “trevas e escuridão”. Uma definição semelhante é a do *Suda*⁴⁴ σκότος, ὀμίχλη, ζόφος, ἀμβλυωπία και, ἥρος ἀχλύσαντος, ἀντί τοῦ σκοτισθέντος, “trevas, fumo, escuridão (como a do Érebo), visão embaçada, também [quando o] céu está escurecido. O mesmo que enegrecido”. A partir dessas definições poderíamos estender o conceito aos grilhões com que os beócios e calcídios foram subjugados, uma vez que o ferro, ainda que brilhante quando novo, ou polido, enegrece facilmente em contato com o ar, devido ao processo de oxidação de sua camada exterior, formando Óxido de Ferro (Fe₃O₄),⁴⁵ num primeiro estágio que, em seguida, pode prosseguir ou não, dependendo das condições atmosféricas e de umidade, para a ferrugem (Hidróxido de Ferro, Fe₂O₃ + 3H₂O) propriamente dita.⁴⁶

Ainda com essa acepção, o adjetivo poderia se referir ao sangue ou aos líquidos purulentos que certamente escorreriam dos tornozelos infectados dos prisioneiros amarrados daquela forma, cobrindo a superfície já enferrujada do metal e dando-lhe a uma aparência enegrecida.⁴⁷ Dentro desse campo metafórico em que escuridão e dor se combinam, encontramos em Ésquilo a expressão “δεσμά λυμαντήρια”,⁴⁸ ou “infestos grilhões”, que se refere às calcetas de Prometeu. “Infestos” porque corrompem não só sua carne, mas também sua honra, ao rebaixarem-no a uma condição de cativo. A corrupção do ferro, através da ferrugem, é assim equacionada por Ésquilo à corrupção do corpo de Prometeu e com ela anda *pari passu*.⁴⁹

ible” para σιδερέος δεσμός, além de ser um *a priori*, é totalmente infundada: ora, os grilhões, ao serem friccionados contra os tornozelos, durante a viagem até a cidade do inimigo, poderiam ser capazes de causar terríveis lacerações e, portanto, não poderiam ter uma denominação mais apropriada.

⁴³ *Lexicon*, alpha, 8851.

⁴⁴ Alpha, 4704.

⁴⁵ Esse óxido ferroso pode ser criado propositadamente através de técnicas de aquecimento do ferro, servindo como uma camada protetora contra a ferrugem propriamente dita.

⁴⁶ Uma hipótese já aventada (ainda que por razões diferentes) por Friedländer (1948, 136): “Ἀχλυθέντι, at least in the epigram on the Acropolis, may mean ‘covered with rust and dust’”, algo que Page (1981, 193 n.1) descarta: “It could not possibly mean ‘covered with rust, as Friedländer would have it (as if ἀχλυθείς could be related to ἄχνη, and as if ἄχνη could mean ‘rust’)”. Mas cf. o LSJ, s. v. ἄχνη, “anything that comes off the surface. (...) ἄ. χαλκίτιδος metallic dust, Plu. 2.659c, cf. Orph. L. 455” [grifo nosso] e a passagem de Políbio citada na nota 49, abaixo.

⁴⁷ Cf. por exemplo, Opiano, *Halieutica* 3.163 (“ἰχώρ ἀχλύεις”) e, principalmente, a explicação do escólio a essa passagem (“ὁ σκοτεινοειδῆς μολισμός”).

⁴⁸ Ésquilo, *Prometeu Acorrentado* 991.

⁴⁹ Ora λῦμα é basicamente a água usada para lavagem (deverbativo perfectivo de λούω) e descartada por ser suja; é também a água estagnada dos pântanos e, por extensão de sentido, todo líquido putrefato e/ou impuro, como o sangue (cf. Sófocles, *Ajax*, v. 655, “λύμαθ’ ἀγνίσας ἐμά”) ou

Mesmo sendo tida como espúria por alguns comentadores, como Page e West – pelas razões erradas, a nosso ver⁵⁰ – o efeito causado pelo contraste entre δεσμῶ ἐν ἀγλύοντι σιδήρῳ com ἔσβεσαν ὕβριν é muito eficaz. O verbo σβέννυμι tem o sentido prototípico de “apagar, extinguir, remover da vista, fazer desaparecer”.⁵¹ Consequentemente, talvez a ideia pretendida fosse que a ὕβρις dos invasores, vista como uma espécie de fogo ou chama, seria “apagada” ou “obscurecida, obnubilada” pelas trevas da escravidão, cujo instrumento aparente seria os grilhões de ferro. Não é demais notar que na *Teogonia*, Zeus pune a ὕβρις de Menécio⁵² lançando-o ao Êrebo, aí descrito como ψόλοεις, ou seja, “feito nebuloso por causa da fuligem (ψόλος) no ar”, para onde, pelo mesmo motivo, também são enviados os Titãs e os deuses prístinos.

Se a soberba pode sempre ser rebaixada e “apagada”, o contrário ocorre com a fama (κλέος) advinda da coragem na batalha, justamente tida, em outro epigrama (IX FGE) como ἄσβεστον, ou seja, “inextinguível”. O contraste entre a luz ou fogo, sugerido pela junção entre σβέννυμι e ὕβριν, de um lado, e δεσμῶ ἐν ἀγλύοντι σιδήρῳ, de outro, não é estranho a Simônides. Nunca se poderá descartar uma atribuição de autoria por parte dos antigos baseando-se simplesmente no estilo ou no que acreditamos ser ou não uma dicção poética adequada. Nesse caso, essa ressalva é ainda mais importante, já que Simônides sempre foi famoso por sua peculiaridade no uso expressivo da língua e pela tendência em criar novos vocábulos a partir da sinestesia,⁵³ dos quais os mais interessantes têm justamente a ver com o jogo

o prurido das feridas. Λύμη, a forma ática, ainda se relaciona com o sentido de “infenso, nocente, deletério, prejudicial” tanto física quanto moralmente. Surpreendentemente, é o adjetivo usado por Políbio (*Histórias* 6.10.3: “καθὰπερ γὰρ σιδήρῳ μὲν ἰός, ξύλοισ δὲ θήριπες καὶ τερηδόνες συμφρεῖς εἰσι λύμαι”), para caracterizar a decadência do ferro através da ferrugem.

⁵⁰ Page 1981, 193, 1 [692]: “ἀγλός is mist; its adjective is unsuitable to such a noun as fetters, and is never elsewhere so used”. West 1985, 283: “ἀγλόεις should mean ‘dark, misty’; there is no parallel for the figurative sense ‘gloomy, dismal’ offered in the LSJ”. As evidências não descartam completamente um uso metafórico de ἀγλός como escuridão ou mesmo tristeza, como é o caso evidente dessa passagem de Hesíodo, *Escudo de Hércules*, v. 264: “πάρ δ’ Ἀγλός εἰσθήκει ἐπισημηρή τε καὶ αἰνῆ, χλωρῆ, αὐσταλέη”. Cf. p. ex. *Il.* 15.668, onde uma “nuvem de escuridão” (τοῖσι δ’ ἀπ’ ὀφθαλμῶν νέφος ἀγλός ὤσεν Ἀθήνη) é trazida sobre os olhos dos ouvintes de Néstor. Cf. também *Ilíada* 16.334, 20.321, 20.341, 20.421 e, em um sentido mais metafórico *Od.* 7.41, 20.357 (escuridão trazida pelo pôr do sol) e 22.88. Beekes (2009, 184, *s.v.*, ἀγλός) nota que Arm. aḷj-a-m-ulj-k’ (pl.), derivado do mesmo radical, significa “escuridão”.

⁵¹ Mallory e Adams 2006, 214: “Finally, there is wide agreement in meaning, if not in phonetics, for a verb *gʷes- ‘extinguish’ seen in Baltic (eg. Lith *gęsti*), Slavic (OCS *ugasiti*), Grk *sbénnumi*, Anatolian (Hit *kist-*), Skt *jásate*, and Tocharian (Toch B *kes-*), which all indicate ‘go out, extinguish’.” Cf. também Pokorny, *I EW*, *s.v.* *gʷes-*, *zǵʷes-*.

⁵² Hes. *Teog.* 514-6: “ὕβριστήν δὲ Μενοίτιον εὐρύσπα Ζεὺς / εἰς Ἐρεβος κατέπεμψε βαλῶν ψολόεντι κεραυνῶ / εἵνεκ’ ἀτασθαλῆς τε καὶ ἠγορέης ὑπερόπλου.”

⁵³ Mich. Psell. π. ἐνεργ. δαμ. (P. G. cxxii 821) *apud* Campbell 1991, 362: “(...) κατὰ τὸν Σιμωνίδην ὁ λόγος τῶν πραγμάτων εἰκῶν ἐστίν”. Plut. *De glor. Athe.* 3.346 *et seq* *apud* Campbell, *ibid.*: “πλήν ὁ

do *chiaroscuro*, como, e.g., μελάνζοφος, “negrescuro”, κνανοπρώϊαν, “plúmbea proa”, χλωραύχενες, “verdículo” (com relação ao pescoço do rouxinol, que é *marron*), νυκτί (...) κνανέωι τε δνόφωι, “na plúmbea noite escura”, etc.⁵⁴

Resta-nos então analisar a sugestão de Hecker,⁵⁵ ἀχνύεντι, que, de fato poderia ter dado origem à ἀχνυθέντι e, daí, à ἀχνυθέντι, uma vez que o ômicron epigráfico (principalmente no início do v século) distingue-se do *theta* apenas por um ponto colocado dentro do círculo, o que poderia ter confundido o copista original. A forma ἀχνύεντι seria derivada de um substantivo, ἀχνύς, jamais atestado, a não ser por uma única entrada no *Etymologicum Genuinum Magnum*, onde aparece como glosa de “ἡ λύπη”, o que combinaria com o sentido do epigrama. De qualquer maneira, ainda teríamos nove letras para um espaço onde caberiam apenas oito, o que nos leva a considerar a alternativa proposta pelos epigrafistas (atualmente incorporada na terceira edição do *Inscriptiones Graecae*), ἀχνύεντι, com sentido idêntico ao da forma com ômicron. O problema com essa variante é que ela é um construto hipotético, jamais tendo sido atestada (*uox nihili*, daí o uso das adagas no original) e, portanto, de forma nenhuma deveria ser incorporada no texto, mas relegada a um suplemento no rodapé.

Frente a essa situação desanimadora, só nos resta esperar para que um outro fragmento da pedra, contento o resto da inscrição, possa ser um dia desenterrado ou que um papiro surja que possa nos fornecer uma alternativa mais plausível, se não da própria inscrição, pelo menos de uma passagem que contenha vocabulário semelhante capaz de validar algum dos suplementos propostos ao longo dos anos para melhorar o texto. Finalmente, não é impossível, embora seja bastante improvável, que o original contivesse um adjetivo completamente diferente do que nos foi passado por Heródoto, Diodoro ou a *Antologia*, ou que a inscrição, que nos parece regularmente estíquia contivesse alguma espécie de rasura ou desigualdade no espaçamento das letras.

Σιμωνίδης τὴν μὲν ζωγραφίαν ποιήσαν σιωπῶσαν προσαγορεύει, τὴν δὲ ποιήσαν ζωγραφίαν λαλοῦσαν. ἅς γὰρ οἱ ζωγράφοι πράξεις ὡς γινόμενας δεικνύουσι, ταῦτας οἱ λόγοι γεγενημένας διηγούνται καὶ συγγραφοῦσιν’.

⁵⁴ Respectivamente Fr. 630 PMG; Fr. 625 PMG; Fr. 586 PMG; Fr. 543 PMG, 11–12.

⁵⁵ Hecker 1843, 170: “Vincula ferrea quomodo dicit possint ἀχνύεντα, non assequor, et δεσμός ἀχλωείς σιδήρεος tantum mortem significare posse videtur, quare ex plurimum codicum lectione, mutato tantum Θ in Ο, Simonidem scripsissi conicio δεσμῶ ἐν ἀχνύεντι σιδήρεῷ ἔσβεσαν ὕβριν. Ut ab ἀχλῦς, ἀχλωείς, sic ab ἀχνύς, ἀχνυείς”.

TEMA, OCASIÃO E CLASSIFICAÇÃO

Os dois epigramas dizem respeito ao conturbado período entre os anos 508–506, após a derrocada da tirania, a luta entre Clístenes e Iságoras pela liderança política e a expulsão definitiva do exército espartano, liderado por Cleomenes, da Ática. Esse último, aliás, ao saber que os atenienses haviam chamado de volta as inúmeras famílias exiladas durante o breve governo de Iságoras e, sobretudo, por sentir-se humilhado devido a sua fuga ingloria da Acrópole sob o cerco do povo, decide mais uma vez, acompanhado de Demárato, tentar um último movimento para submeter os atenienses, como nos conta Heródoto (5.74):

Κλειομένης δὲ ἐπιστάμενος περιωβρίσθαι ἔπεισι καὶ ἔργοισι ὑπ’ Ἀθηναίων συνέλεγε ἐκ πάσης Πελοποννήσου στρατόν, οὐ φράζων ἔς τὸ συλλέγει, τίσασθαι τε ἐθέλων τὸν δῆμον τὸν Ἀθηναίων καὶ Ἰσαγόρην βουλόμενος τύραννον καταστήσαι· συνεξήλαθε γάρ οἱ οὗτος ἐκ τῆς ἀκροπόλιος.

Mas Cleomenes, consciente de ter sido ofendido tanto em palavras quanto em atos pelos atenienses, selecionou um exército dentre todas [as cidades] do Peloponeso, sem dizer para que o fazia: desejando vingar-se do povo de Atenas e querendo impor Iságoras como tirano, esse mesmo que, junto com ele, havia fugido da Acrópole.

Ainda segundo aquele historiador, essa ofensiva de Cleomenes contra a Ática desenrolou-se em três frentes distintos, e deve ter sido planejada com antecedência com seus aliados.⁵⁶ O plano seria o seguinte: os espartanos, com a ajuda dos coríntios, viriam do oeste, através do estreito de Corinto; os beócios, do nordeste, pelo vale do Monte Citáiro que margeia a foz do rio Asopo, perto do Euripo,⁵⁷ enquanto os calcídios, atravessando esse mesmo estreito, pretendiam avançar sobre a costa leste da Ática vindo da Eubeia.

Κλειομένης τε δὴ στόλῳ μεγάλῳ ἐσέβαλε ἐς Ἐλευσίνα, καὶ οἱ Βοιωτοὶ ἀπὸ συνθήματος Οἰνίῳ αἰρέουσι καὶ Ὑσιὰς δῆμους τοὺς ἐσχάτους τῆς Ἀττικῆς, Χαλκιδῆες τε ἐπὶ τὰ ἔτερα ἐσίνοντο ἐπιόντες χώρους τῆς Ἀττικῆς. Ἀθηναῖοι δέ, καίπερ ἀμφιβολίῃ ἔχόμενοι, Βοιωτῶν μὲν καὶ Χαλκιδῆων ἐς ὕστερον ἔμελλον μνήμην ποιήσεσθαι, Πελοποννησίοισι δὲ εὐοῖσι ἐν Ἐλευσίνῃ ἀντία ἔθεντο τὰ ὄπλα.

Cleomenes juntamente com um grande contingente já marchava sobre Elêusis, quando os Beócios, à partir de um sinal previamente acordado, tomaram os demos de Oinoé e Hísia, na fronteira com a Ática; os calcídios, invadindo, adentraram a outra parte do território ático. Os atenienses, assim atacados em dois frentes, decidiram lidar com

⁵⁶ Pelo menos assim interpretamos a expressão ἀπὸ συνθήματος (“a partir de um arranjo, de um sinal prévio”, cf. citação abaixo).

⁵⁷ O Euripo é o estreito que separa a Eubeia da Ática. A estela deveria localizar-se na cidade de Cálcis ou imediações; a batalha, no entanto, deve ter se realizado no vale da montanha de Dirfi (1745 m), a cerca de 10 km à nordeste de Cálcis.

os Beócios e Calcídios por último – como veremos – e, conseqüentemente, contra os peloponésios, que estavam em Elêusis,⁵⁸ viraram suas armas.⁵⁹

Algo aconteceu, no entanto, que fez com que os coríntios resolvessem abandonar a ofensiva, seguidos de Demátrato⁶⁰:

Μελλόντων δὲ συνάψειν τὰ στρατόπεδα ἐς μάχην, Κορίνθιοι μὲν πρώτοι σφίσι αὐτοῖσι δόντες λόγον ὡς οὐ ποίειεν δίκαια μετεβάλλοντό τε καὶ ἀπαλλάσσοντο, μετὰ δὲ Δημάρητος ὁ Ἀρίστωνος, ἐὼν καὶ οὗτος βασιλεὺς Σπαρτιητέων καὶ συνεξαγαγών τε τὴν στρατιὴν ἐκ Λακεδαιμόνος καὶ οὐκ ἐὼν διάφορος ἐν τῷ πρόσθε χρόνῳ Κλεομένει. τότε δὴ ἐν τῇ Ἐλευσίῃ ὄραντες οἱ λοιποὶ τῶν συμμάχων τοὺς τε βασιλεῖας τῶν Λακεδαιμονίων οὐκ ὁμολογέοντας καὶ Κορινθίους ἐκλιπόντας τὴν τάξιν, οἴχοντο καὶ αὐτοὶ ἀπαλασσόμενοι (...).

Quando as tropas já estavam a ponto de entrar em formação de batalha, os coríntios foram os primeiros a mudar de ideia e abandonarem o combate, argumentando entre si que estariam cometendo uma injustiça.⁶¹ Em seguida, Demátrato, filho de Aristão, sendo também rei entre os espartanos, e comandante-adjunto do exército lacedemônio, tomou a mesma atitude, embora ainda não tivesse, nessa época, qualquer diferença com Cleomenes. E foi então que o restante das tropas aliadas em Elêusis, vendo os reis dos lacedemônios discordantes e os coríntios já deixando a formação, partiram, sentindo-se igualmente desobrigados [de combater] (...).⁶²

Inseridos no contexto dessa série de batalhas que garantiram a continuidade da democracia ateniense, os dois epigramas fazem parte, no entanto, de momentos distintos nessa guerra e foram comissionados, igualmente, em monumentos com funções distintas.⁶³ Embora haja consenso, tanto entre as fontes como entre os comentadores, de que III FGE fizesse parte de uma oferenda comemorativa, i.e., um ἀνάθημα, as coisas complicam-se um pouco quando consideramos seu par, II FGE.

Wilamowitz foi o primeiro a descartar a natureza funerária de II FGE por causa da referência ao campo de batalha,⁶⁴ um fato que Page admite ser

⁵⁸ O escoliasta de Aristófanes (*Scholía Veterea*, *Lys.* 273.1–9), nos fornece maiores detalhes do destino dos habitantes de Elêusis que se aliaram aos espartanos: τῶν δὲ μετὰ Κλεομένους Ἐλευσίνα κατασχόντων (i.e., Iságoras e os exilados), Ἀθηναῖοι τὰς οἰκίας κατέσκαψαν καὶ τὰς οὐσίας ἐδήμυσαν αὐτῶν δὲ θάνατον ἐψηφίσαντο, καὶ ἀναγράψαντες εἰς στήλην χαλκῆν στήσαν ἐν πόλει παρὰ τὸν ἀρχαῖον νεών.

⁵⁹ *Idem*, n. 118, §75 et seq.

⁶⁰ Talvez a descoberta do verdadeiro propósito de Cleomenes (que era o de reinstaurar a tirania em Atenas) pois, como nos informa Heródoto, esse não o revelara ao reunir um exército (οὐ φράζων ἐς τὸ συλλέγειν) contra os atenienses. Sobre os sentimentos antitirânicos dos coríntios, cf. o discurso de Sóscicles, Heródoto 5.92 et seq.

⁶¹ Contra os atenienses?

⁶² Heródoto 5.75–6.

⁶³ Cf. Brose 2008, sobre a configuração dos monumentos públicos em Atenas entre os séculos VI–V a.C.

⁶⁴ "...wegen des angegebenen Kampfplatzes", apud Page 1981, 189. Outros que não reconheceram a inscrição como um epitáfio foram H. Von Gärtringen, Preger e Geffcken, citados apud Page, *ibidem*.

incomum, embora não sem precedentes, já que, segundo ele, fosse essa regra seguida à risca, muitos epitáfios,⁶⁵ comprovadamente reconhecidos com base em evidências extraliterárias, deveriam ter sua classificação revista, o que não seria razoável.⁶⁶ Não obstante sua certeza no que diz respeito ao caráter funerário da inscrição, Page nos surpreende ao aventar a hipótese de que seria a voz dos calcídios vencidos, e não a dos atenienses mortos em combate,⁶⁷ aquela ouvida no epigrama. Assim, diz estranhar o fato de o texto mencionar o local de sepultamento, quando a estela onde ele estaria inscrito encontrava-se justamente dentro dos limites da cidade natal dos mortos, ou seja, Cálcis. No entanto, há pelo menos três problemas relacionados a essa sua interpretação.

O primeiro deles é que os combatentes teriam sido “vencidos ou domados” sob uma encosta do monte Dirfi (Δίρφος ἐδμήθημεν ὑπὸ πτυχί), o que deslocaria o local da batalha em cerca de 16 km em direção ao interior da ilha⁶⁸ e tornaria possível, portanto, que os sobreviventes, seguindo o costume pan-helênico, tivessem decidido inumar os mortos imediatamente e *in situ*.⁶⁹ A própria expressão σῆμα δ' ἐφ' ἡμῖν, “um ‘sinal’ (lit.) sobre nós”, não precisa exatamente o que estaria sobre os mortos; uma leitura que a traduza por “uma lápide sobre nós”, por outro lado, acrescentaria ao verso mais informações do que disponíveis na inscrição, já que σῆμα pode indicar simplesmente um “outeiro funéreo” (σωρός / τύμβος), semelhante àquele de Maratona. Outrossim, o verbo χεύω, aqui na forma da 3ª p. do perf. sing. pass., tem, como se sabe, o sentido principal de “derramar, deixar escorrer”, donde se desenvolve a noção de “amontoar” quando o objeto, expresso ou subentendido, é de natureza sólida, caso da terra depositada sobre os cor-

⁶⁵ Epitáfios que não mencionam nem a pátria nem o campo de batalha: Peek 8, 17, 26, 28, 29. Epitáfios que mencionam tanto a pátria como o campo de batalha: Peek 7, 9, 20. Epitáfios que nomeiam a pátria, mas não o campo de batalha: Peek 14. Epitáfios que nomeiam o campo de batalha, mas não a pátria: Peek 23.

⁶⁶ Page 1981, 189: “This objection [viz. Wilamowitz’s], if true, would have a bearing on other epitaphs in the present collection (...).” Jacoby (1945, 160) descarta completamente o julgamento de Wilamowitz: “The objection of Wilamowitz (...) is shaky: the Corinthian epitaph from Salamis furnishes a sufficient parallel, and the Peisistratus epigram IG I2, 761 an even better one, not to mention later cases as, e.g., the second epigram for Chaeronea (Hiller 74)”.

⁶⁷ Page 1975, 9: “hoc epigr. potius in victos quam victores compositum esse crederes”. Assim também Friedländer (1948, 5 n.6), que exclui o II FGE de sua coleção por crê-lo literário: “we have not accepted Anth. Plan. 26 = Simonides 89 BE = 87 Di = 116 Ed. In spite of A. Wilhelm’s and F. Jacoby’s positiveness (...), we feel quite uncertain whether the second distich is really a later addition. Moreover, the words ἐδμήθημεν and τρηχίαν πολέμου δεξάμενοι νεφέλην speak of the vanquished rather than of the conquerors. Consequently the attribution to the victorious Athenians in 506 B.C. seems to us more than doubtful.”

⁶⁸ Uma hipótese do próprio Page (1981, 191, 688–9).

⁶⁹ Para uma descrição mais detalhada do costume arcaico de enterrar os mortos diretamente no campo de batalha, cf. a análise do. XX FGE (IG³ 503 e 504) em Brose 2008.

pos. Há inúmeras instâncias em que o verbo, aparecendo junto com σῆμα, não permite que precisemos este último, i.e., se se trata de um σωρός / τύμβος ou de uma estela inscrita, o que nos leva a admitir, portanto, que há pelo menos a *possibilidade* de que o epigrama possa ter sido colocado alhures, separado do outeiro funéreo a que faria referência.

O outro problema à “hipótese calcídica” de Page diz respeito à lógica textual do mesmo: foram os *atenienses* que saíram vitoriosos do combate contra os calcídios, não o contrário.⁷⁰ Nessas condições e, do ponto de vista da ideologia da “bela morte”, admitir a derrota em seu epitáfio não traria vergonha alguma para os que tombaram, simplesmente “porque é belo e justo morrer atacando na linha de frente, / para homem excelente lutando por sua pátria”.⁷¹ Por outro lado, por que aqueles que, em troca de sua derrota (e tendo deixado livre o caminho para a queima das searas de sua cidade, da morte de seus filhos e da escravidão de suas mulheres) deveriam receber a “honra” de uma inscrição na pedra? Não seria isso algo para esquecer, mais do que para lembrar ou, pior ainda, celebrar? A honesta declaração de derrota, vista por Page com desconfiança por sua humildade excessiva,⁷² pode, em realidade, esconder uma manifestação do orgulho ateniense, ao declarar que esses, ferozes na batalha, só puderam ser “domados” por um povo exímio nesta arte e, mesmo assim, apenas alguns poucos, justamente por sua juventude (e consequente inexperiência), ressaltada de modo conspícuo na linguagem do epigrama. Se, ainda, estivermos corretos e os dois epigramas estiverem, de alguma forma, relacionados, o paralelismo temático entre ambos pode indicar que, talvez, também o II FGE pudesse fazer parte algum monumento⁷³ contendo a lista dos nomes dos guerreiros mortos na guerra e estivesse localizado não na Eubeia, mas em Atenas, possivelmente em algum lugar da ágora. A ideia de que os calcídios possam ter comissionado o epigrama parece-nos um exercício de *reductio ad absurdum* que apenas reforçaria uma identificação com os mortos, porém vitoriosos, atenienses.

⁷⁰ Assim Molyneux 1992, 86.

⁷¹ Tirteu, fr. 10W²: “τεθνάμεναι γὰρ καλόν ἐνὶ προμάχοισι πεσόντα / ἄνδρ’ ἀγαθὸν περὶ ἧ πατρίδι μαρνάμενον”.

⁷² Page 1981, 190: “The most unusual feature of II is the apparent admission of defeat. There is not even a palliative πατρίδα ρύομενοι or the like, and the verb ἐδμήθημεν is uncommonly candid. No other public epitaph for men fallen in battle states that they were ‘overpowered’, or even that they were defeated. (...) Plainly, if this epitaph refers to the events of 507/6 B.C., the men commemorated will be the defeated Euboeans, not (as is commonly supposed) the victorious Athenians.”

⁷³ Aqui seria oportuno lembrar o que ressaltamos no início deste artigo: todos os epigramas do apêndice da API parecem ter sido recolhidos de obras de arte ou monumentos. Ver nota 12.

Uma última porém importante consideração deve ser feita, que, de certa forma, ajudaria a pesar o argumento a favor de uma autoria ateniense. O termo δημοσία, “às expensas do povo” (oposto à ἰδία, “às expensas próprias”), inusitado e, ademais, nunca atestado em nenhuma inscrição para a Eubeia no período considerado, é conspicuamente associado à democracia ateniense. Os decretos em que o povo (δῆμος) decidia os rumos da cidade e legislava sobre as mais variadas matérias, inclusive sobre as honras aplicáveis aos mortos de guerra ou a indivíduos particulares, invariavelmente começavam com uma combinação do tipo ἔδοξεν τῷ δήμῳ... (“pareceu [por bem] ao Povo...”) ou então ἔδοξεν τῇ βουλῇ καὶ τῷ δήμῳ... (“pareceu [por bem] ao Conselho e ao Povo”). Embora nessa época provavelmente δημόσιος ainda não tivesse a conotação que desenvolveria mais tarde (no contexto da instituição do *patrios nomos*, por exemplo). A própria menção a uma palavra tão técnica do vocabulário jurídico ateniense, sobretudo num período imediatamente posterior às reformas de Clístenes, deveria, na falta de evidências em contrário, ser suficiente para atribuir a autoria da inscrição ao povo de Atenas, identificando-se nela a voz dos soldados que sacrificaram suas vidas numa batalha não só crucial, mas decisiva para o fortalecimento da democracia, já que uma derrota nessa empreitada poderia ter levado a *stasis* e a tirania outra vez de volta à cidade.

COMENTÁRIO

Fr. II FGE

Η₁ Δίρφυος ἐδμήθημεν ὑπὸ πτυχί, σῆμα δ' ἐφ' ἡμῖν

a) Δίρφυος (...) ὑπὸ πτυχί (...) ἐγγύθεν Εὐρίπου: O monte Dirfi, sob cuja sombra, deu-se a batalha entre calcídios e atenienses é o ponto mais alto da estreita ilha da Eubeia, atingindo 1746 m de altitude. A sua frente estende-se a planície do rio Lelanto. Page⁷⁴ acredita que os calcídios retrocederam até aí para enfrentar os atenienses e é possível que, pressionados pelo ataque desses últimos, tenham recuado ainda mais para o interior, até a encosta escarpada do Dirfi, onde, num último esforço para preservar suas vidas,

⁷⁴ Page 1981, 191: “‘near the Euripus’ presumably means ‘in Chalcis’. The battle field is said to have been not there, but ‘under the folds of Dirphys’; if this is to be taken literally, the Euboeans must have retreated some distance (perhaps as much as ten miles) to the east or north-east of Chalcis”.

podem ter causado muitas baixas ao contingente de Atenas⁷⁵; a essas baixas na dobra da montanha (ὕπὸ πτυχί) é que estaria se referindo o epigrama. O fato de o epigrama se distanciar do local da morte dos guerreiros por mencioná-lo na inscrição através do complemento adverbial “ἐγγύθεν Εὐρίπου”, ao invés do tradicional ἐνθάδε (*vel simil.*) pode indicar que o epigrama não se tratava de um epitáfio, mas de uma inscrição que acompanhava algum tipo de monumento comemorativo ou cenotáfio na própria cidade de Atenas.

b) ἐδηθημεν: Essa é forma do aor. ind. pass. da 2ª pessoa do plural de δάμνημι (ou δαμνάω / δαμάζω), “fomos domados”. O verbo, no entanto, raramente é usado com um agente da passiva pessoal. Na *Iliada*⁷⁶ ocorre apenas algumas vezes com esse sentido, p. ex., na ameaça de Tlepolemo a Sarpédão (ἀλλ’ ὑπ’ ἐμοὶ δηθέντα πύλας Αἰδῶν περήσειν, “mas por mim dominado, os portões do Hades há de cruzar”), em outros dois casos, no entanto, os agentes são, respectivamente, a flecha (σῶ βέλει) de Pândaro, com que Atena deseja instigá-lo a matar Menelau, ou os presentes com que Agamênão intenta aplacar a fúria de Aquiles. As acepções mais comuns do verbo são (a) para descrever a “doma” da fêmea pelo consorte, sejam esses deuses, homens ou animais⁷⁷ e (b) a vitória final de algum processo ou fenômeno natural (muitas vezes deificado) sobre os homens e seu meio ambiente. No caso de (b) implica, evidentemente, a impotência do homem frente a forças maiores, em cujo sentido δάμνημι poderia estar empregado com o agente da passiva elíptico, o qual poderíamos identificar com, por exemplo, Αἰδῶν, μοίρα, ἐχθρῶ, Ἄρηϊ, etc.⁷⁸

O que parece ter passado despercebido pelos comentadores, e que ajuda a reforçar o argumento a favor de uma identificação ateniense para o sujeito do verbo, é a estreita relação entre δάμνημι e a principal atividade dos Calcídios na ilha de Eubeia, a criação e domesticação de cavalos. Não seria surpreendente, portanto, que o poeta escolhesse justamente esse verbo para descrever o único modo pelo qual os atenienses, dessa feita aproximados a garanhões, poderiam ter sido “vencidos” pelos Eubeus, mestres na arte de domar cavalos. De fato, o sentido de “domar” parece ser o mais antigo em

⁷⁵ A exemplo do que teria ocorrido com os *marathonomachai*, durante a invasão persa de 490, no monte Agrilice. A planície do rio Lelanto viu muitas batalhas sangrentas, das quais a mais famosa, talvez, tenha sido a Guerra Lelantina (c. séc. VII a.C.) entre Cálcis e Erétria. Cf. o fr. 3W² de Arquíloco e o comentário em Corrêa (1998, 165–77).

⁷⁶ As passagens são, respectivamente *Il.* 5.646, 4.99, 9.158.

⁷⁷ Cf. “δάμ-αρ”, esposa, mulher. Esse uso é muito comum na *Teogonia* para descrever os inúmeros casamentos celestiais e humanos. Cf. vv. 327, 374, 453, 962, 1000, 1006. O verbo é, assim, especialmente associado a Eros e Afrodite, p. ex., Hes. *Scut.* 48; Fr. 23a; Fr. 195.48; Hom. *Iliada* 14.316.

⁷⁸ Donde são exemplos, respectivamente, AG 7.737.2 e IGBulg I² 463(3); SEG 6.567, IG XII.8 92, IG XII.8 600

Grego e pode ser reconstruído quase sem alterações na maioria das línguas indo-europeias a partir de um radical único, **demh₁-*, donde o grego δάμνημι, o latim *dōmo* (daí o “dom-ar”, em português) o hitita *dam-aszi*, o sânscrito *dām-aya-ti* e, a partir do germânico, o alemão *zähmen* (>d(z)a(e)m-) e o inglês *tame* (>dam-),⁷⁹ todas essas, palavras estreitamente associadas à domesticação do cavalo.

P₁ ἐγγύθεν Εὐρίπου δημοσία κέχεται·

Σῆμα, enquanto índice, é qualquer sinal que se coloque para marcar alguma coisa.⁸⁰ Na aceção de monumento funerário, refere-se, originalmente ao monte de terra (moimento, túmulo) erguido para marcar o local de inumação do(s) morto(s). Esses montes de terra, frequentemente mencionados na épica, podiam ou não ser acompanhados de inscrições (ἐπιγράμματα) e, quando assim acontecia, aquelas eram, normalmente gravadas sobre estelas (στίλαι). A partir desse costume, desenvolveu-se uma relação metonímica entre o σῆμα propriamente dito e a στήλη, fazendo com que essa, em muitos casos, implicasse automaticamente naquela. O uso de σῆμα querendo significar “outeiro funéreo” aparece primeiramente em uma passagem na *Iliada*⁸¹ em que se descreve a tumba da Amazona Mirina: ἀθάνατοι δέ τε σῆμα πολυκάρθμοιο Μυρίνης (“os imortais chamam também de o largo túmulo de Mirine”).

A construção de um σῆμα acompanhado de alguma espécie de inscrição, no entanto, está implícita no juramento prestado por Heitor ao preparar-se para o combate com Ajax filho de Télamon,⁸² por meio do qual ele revela sua preocupação com o destino de seu corpo, caso venha a morrer em combate, e certifica-se de que, vença quem vencer, este conceda ao outro a honra (γέρας) dos ritos funéreo (νέκεια) adequados: a cremação, no caso dele mesmo (ἄφρα πυρός με | Τρώες καὶ Τρώων ἄλοχοι λελάχωσι θανόντα, “a fim de que, morto, os troianos e suas esposas me entreguem ao fogo”) ou a inumação, no caso dos Aqueus (ἄφρα ἔ ταρχύσωσι κάρη κομώντες Ἀχαιοὶ | σῆμά τέ οἱ χεύωσιν ἐπὶ Πλατεί Ἑλλεσπόντο, “a fim de que a ele os Aqueus de espessa crina, em

⁷⁹ Mallory (2006, 136), entre outros, acreditam que o verbo esteja intimamente associado à doma do cavalo pelos indo-europeus.

⁸⁰ Para uma discussão mais detalhada desse substantivo, cf. Frame 1978 e, sobretudo, Nagy 1990.

⁸¹ Onde encontramos 26 instâncias do substantivo, das quais 12 têm o significado de “lápide colocada (χευομήνη) sobre o túmulo (τύμβος)”: 2.814, 7.86, 7.89, 11.166, 21.332, 23.45, 23.255, 23.257, 23.331, 24.16, 24.416, 24.801. Na *Odisséia* o uso é semelhante, com 13 ocorrências, das quais apenas três, no entanto, têm o sentido aludido: 1.291, 2.222, 11.75, um “sinal” que Elpenor pede a Odiseu, no Hades, que lhe plante (χεύειν) πολὺς ἐπὶ θινὶ θαλάσσεσ, a fim de que ἐσομένοισι πιθέσθαι.

⁸² II. 7.67–91.

procissão, moimento ajuntem a planície do Mar Grego”). O objetivo desse σῆμα segundo Heitor seria o de perpetuar tanto seu feito quanto sua fama e, assim, constitui-se igualmente num μνήμα, ou monumento:

καὶ ποτέ τις εἶπη καὶ ὀψιγόνων ἀνθρώπων
νηϊ πολικλήϊδι πλέων ἐπὶ οἴνοπα πόντον·
ἀνδρὸς μὲν τόδε σῆμα πάλαι κατατεθνηῶτος
ὄν ποτ’ ἀριστέοντα κατέκτανε φαίδιμος Ἔκτωρ.
ὡς ποτέ τις ἔρειε· τό δ’ ἐμὸν κλέος οὐ ποτ’ ὀλείται

E um dia alguém dirá, também dentre os homens do porvir,
em naus de muitos remos cruzando o escuro ponto:
“De um varão esta é a lápide, há muito tempo falecido,
um daqueles a quem dominando abateu o insigne Heitor.”
Um dia assim alguém irá falar e minha fama nunca perecerá.

Δημοσία κέχεται, se estivermos corretos em atribuir esse epigrama aos atenienses, só pode querer significar “às expensas do povo”, i.e., financiado pelo novo governo popular instituído recentemente por Clístenes.

Η₂ οὐκ ἀδίκως, ἐρατὴν γὰρ ἀπωλέσαμεν νεότητα

Tanto Diehl quanto Peek não acreditam que o segundo dístico pudesse fazer parte da inscrição,⁸³ rejeitando-o como uma adição tardia, no que lhes segue Wilhelm.⁸⁴ Page, embora admitindo o fato de que no VI século poucos epigramas excediam duas linhas em qualquer metro,⁸⁵ discorda. Segundo ele, em vista de novas evidências arqueológicas de inscrições do mesmo período e com mais de duas linhas, a objeção levantada por aqueles pesquisadores perde muito sua força.⁸⁶

O segundo hexâmetro, na verdade, justifica o instrumental δημοσία, um termo novo e surpreendente, jamais atestado em inscrições anteriores. Talvez por esse motivo o poeta, ou quem comissionou a inscrição, tenha sentido a necessidade de, por um lado, justificar os gastos com um monumento público em honra dos mortos e, por outro, de salientar o cuidado dos concidadãos com aqueles que ofereceram suas vidas em sacrifício pelo bem

⁸³ Apud Page 1981.

⁸⁴ Wilhelm 1899 (*Jahresh. der Oest. Arch. Inst. Wien* 2:244), apud Page 1981.

⁸⁵ Page 1975, 9: “3-4 postmodo additos esse con. Wilhelm, perperam opinor”. Ainda Page 1981, 190: “and [sc. as inscrições do séc. v] generally state the facts (as in the first couplet) without comment (as in the second)”

⁸⁶ Page (1981, 190) cita, como exemplo, Peek 1226, e conclui: “In the light of this example the objective case against the second couplet must be judged inconclusive; the verdict then depends on personal impressions, and it would be hard to give a good reason why these should be unfavourable.”

comum. Ao ler a inscrição, precisamos nos lembrar de que a mesma pode ter sido destinada a permanecer numa terra estrangeira ou, no mínimo, longe da pátria dos mortos e que, assim, estaria sujeita a ser lida por diferentes pessoas, gregos e bárbaros, viajantes em sua grande maioria, já que Cálcis sempre fora um entreposto de trocas, devido ao porto da cidade que se situava numa entrada estratégica para o golfo da Eubeia. Desse ponto de vista, seria importante “publicizar” os valores de virilidade ateniense, de um lado, e do cuidado da pátria para com seu cidadãos, de outro.

No entanto, ao invés da cidade, quem fala são próprios mortos, como seria de se esperar de uma inscrição funerária, mas há um subtexto aí presente. Se entendermos o conceito de δίκη⁸⁷ como um valor distributivo e sobretudo pragmático, baseado num conjunto de regras estabelecidas coletivamente, e que define o que cabe a cada um de acordo com as ações individuais, οὐκ ἀδίκως seria melhor traduzido por “não excepcionalmente” do que por “não injustamente”, já que aqui o sentido prático de dar a alguém o que lhe é devido como quinhão é bastante claro: há uma troca de x por y, independente do juízo de valor que se possa fazer sobre essa troca ou sobre aqueles que a operam, como poderíamos ser levados a crer a partir do nosso próprio conceito de “justiça”. A troca aludida, obviamente, diz respeito àquela da morte pela honra (ou lembrança): dentro do contexto da isonomia clisteniana e da proibição de memoriais particulares para os mortos, esse era o único caminho de excelência pessoal a que um ateniense poderia trilhar. Dessa feita, segundo minha leitura, “οὐκ ἀδίκως, ἐρατὴν γὰρ ἀπωλέσαμεν νεότητα” preservaria um sentido mais próximo do original se traduzido de uma maneira um pouco mais prosaica: “não excepcionalmente [recebemos essa honraria, sc. τὸ σῆμα] porque [para tê-la] arruinamos nossa amável juventude”.

Sobre o vocabulário, seria importante notar que o verbo ἀπόλλυμι (cf. lat. *ab-oleō*, de uma raiz indo-erupoeia **h₃elh₁*), cujo significado principal é o de “destruir completamente, sem deixar vestígios”, pode, quando usado transitivamente, ter a acepção de “esgotar” ou, mais especialmente, “perder, acabar, arruinar, gastar precocemente”.⁸⁸ Segundo Derderian⁸⁹:

Ao passo que a maioria dos epigramas arcaicos usam θανεῖν para marcar uma morte [natural], os epigramas claramente associados com guerreiros usam ὄλεσθαι, tanto em suas formas transitivas quanto intransitivas. A maioria dos usos da forma transitiva

⁸⁷ Oposto a θέμις, costume ligado à tradição, à religião ou às crenças de cada um sobre o que é certo ou errado.

⁸⁸ Cf., respectivamente, a água que escapa a Tântalo na *Odisséia* 11.586 (“τοσσάχ’ ὕδωρ ἀπολέσκειτ’ ἀναβροχέν”) e 7.117 (“τάων οὐ ποτε καρπὸς ἀπόλλυται οὐδ’ ἀπολείπει | χεῖματος οὐδὲ θέρευς, ἐπετήσιος”).

⁸⁹ Derderian 2001, 97.

de δλεσθαι atribui a morte a Ares (CEG 27.2, 145.1) ou mesmo ao próprio guerreiro, emprestando à guerra ou ao próprio guerreiro um novo papel ativo na destruição e na resultante memorialização da juventude do guerreiro.

Quanto àquilo que se perde, ἐρατὴν νεότητα, “amável (ou desejável⁹⁰) juventude”, ela aqui é colocada desde um ponto de vista heroico, já que a juventude só pode ser desejável (e, de certa forma, invejável), na medida em que ela capacita aqueles que a possuem a participar dos combates, contrapondo-se, automaticamente, à velhice (γῆρας), classificada, dentro desse sistema de valores guerreiro, como αἰσχρά.⁹¹

Page avalia todo o pentâmetro como típico entre os epigramas de Simônides (“conventional language”⁹²) e cita, como paralelo, “ποτ’ ἀγλαὸν ὤλεσαν ἦβην”, “ἐρατῆι πάρ νεότητι”, “ὠλέσθαν ἦβαν”⁹³ e Peek “ἀπώλεσαν ἀγλαὸν ἦβην” e “νεαρὰν ἦβεν ὀλέσαντα”⁹⁴ aos que poderíamos acrescentar Hesíodo “φυὴν ἐρατὴν”, Tirteu “ἐρατῆς ἦβης”, Sólon “ὄς (sc. πόλεμος) ἐρατὴν ὤλεσεν ἡλικίην”, Sotades “ἦβεν τ’ ἐρατὴν”, Teógnis “ἦβην ἐρατὴν ὀλοφύρομαι”.⁹⁵

P₂ τρηχεῖαν πολέμου δεξάμενοι νεφέλην.

Segundo Page, τρηχεῖαν (...) νεφέλην parece cunhado sobre a expressão homérica ἄχεος νεφίλη,⁹⁶ mas acrescenta um novo colorido se comparada à κνάνεον (...) θανάτου νέφος (Sim. IX FGE). A associação entre a morte (θάνατος) e nuvem ou neblina que turva a vista (variavelmente descrita como negra, áspera ou dorida) pertence ao imaginário indo-europeu. Os próprios radicais de θάνατος e νέφος aproximam-se na medida em que ambos derivam, no caso daquele, ou convergem, no caso deste, para a ideia de “obscurer, desaparecer”. Θάνατος, é oriundo de um radical **dhwenh*₂, cujo sentido englobava as noções de “cobrir, sobrepor-se, esconder, escurecer por privar de luz”, donde o sânscrito tirou *d^hoānta* (< *d^hoan*), “coberto, escuro, velado”; já νέφος, a partir de um radical **nebhos* (donde o latim *nebula*⁹⁷ e o sânscrito *nabhas*), fez surgir, no inglês arcaico o adjetivo *nifol*, com o significado de “escuro”.

⁹⁰ Schol. In Hes. 65.2: ἐρατὴν-ἐπιθυμητήν.

⁹¹ Cf. Tirteu, fr. 10W². Sobre a associação entre a guerra e a perda da juventude pelo bem comum. Cf. a excelente discussão de Derderian 2001, 97 et seq.

⁹² Page 1981, 191, 3–4 et n.91.

⁹³ Respectivamente, Sim. 46, 70 e 49 FGE.

⁹⁴ Peek 18.1, 305.3/1226.3

⁹⁵ Teógnis 1131.

⁹⁶ *Iliáda* 17.591, 18.22.

⁹⁷ Mas não *nībēs*, advindo de outro radical **sneudh*-.

Outra ideia imediatamente sugerida pela associação, não mais entre θάνατος e νέφος, mas entre esta e πόλεμος é a de que a movimentação das tropas deveria levantar a poeira do chão e, assim, cobrir os soldados numa nuvem escura de areia fina. Areia e πό que, entrando no trato respiratório, poderiam causar a sensação sugerida pelo adjetivo τρηχειάν, que, talvez por causa disso, foi empregado por Hesíodo na expressão “ὑσμίνη τρηχειά”⁹⁸ (“áspero combate”) e por Píndaro, “ἀλλ’ ἄμέρα γὰρ ἐν μιᾷ / τραχεῖα νιφᾶς πολέμοιο τεσσάρων / ἀνδρῶν ἐρήμωσεν μάκαιραν ἐστίαν”⁹⁹ (“mas apenas em um dia a áspera nuvem da morte de quatro varões os privou da bem-aventurada lareira”). Entre os fragmentos épicos de Eufório, ademais, lemos “Δίρφυν ἀνὰ τρηχειάν ὑπ’Εὐβοίῃ κεκόνιστο”¹⁰⁰ (“todo o escarpado/áspero Dirfi sob a Eubeia foi coberto de poeira”), o que pode sugerir um terreno propenso a levantar nuvens de poeira. Finalmente, τραχύς também pode normalmente usado para qualificar lugares escarpados. Por exemplo, como epíteto de Ítaca, *Odiseia* 9.17 e 10.417 e também para o Quersoneso, Herod. 4.99. Dessa forma, é impossível decidir entre um sentido metafórico ou literal (ou ambos) para a expressão em questão, mas é possível dizer que, dado o terreno da batalha, ela parece bastante apropriada para descrever a ocasião do choque entre os dois exércitos.

Fr. III FGE

Η₁ Δεσμῶ ἐν †ἀχνυόνεντι† σιδήρωι ἔσβεσαν ὕβριν

O caso de †ἀχνυόνεντι† já foi discutido na seção “Edição e fortuna crítica”, quando falávamos do estabelecimento do texto do epigrama. Aqui gostaríamos de chamar a atenção, para a semelhança entre esse hexâmetro e o um dos fragmentos de Heráclito,¹⁰¹ “ὕβριν χρῆ σβεννύναι μᾶλλον ἢ πυρκαϊήν” (“deve-se apagar o hýbris mais do que a lareira”), uma variação, segundo Sider,¹⁰² da fórmula Homérica “σβέσσαι χόλον”.¹⁰³

⁹⁸ Hes., *Scutum* 119.

⁹⁹ I. 4.16–18.

¹⁰⁰ Eufório, fr. 73.1, tradução hipotética, devido ao estado fragmentário do trecho.

¹⁰¹ Herac., fr. 43.1.

¹⁰² Sider 2007, 126 n.41.

¹⁰³ *Iliada* 9.678.

P₁ παῖδες Ἀθηναίων ἔργμασιν ἐν πολέμου

Page nos diz que a colocação dativo + ἐν + genitivo adjetival, como aparece em ἔργμασιν ἐν πολέμου, é rara, mas não elabora sobre o tópico¹⁰⁴ e, como o LSJ lista apenas esse verso de Simônides como exemplo, há razões para se acreditar que estejamos frente a um *hapax*. Schneidewin não comenta o uso. Bergk nota que em um dos manuscritos de Heródoto temos ἔργμασιν, “em um barreira (ou cerca, guarda)”, o que apenas aumentaria a confusão se já não pudéssemos descartar ἔργμασιν graças à evidência epigráfica, uma vez que a pedra revela]ηναιονεργμα[e não]ηναιονεργμα[, como seria de se esperar, fosse o épsilon aspirado. O *codex* conhecido como *Antologia de Planudes*¹⁰⁵ dá ἐκ πολέμου ao invés de ἐν πολέμου, o que alteraria substancialmente o sentido do epigrama: já que ἔργμασιν ἐκ πολέμου precisaria ser construído com ἔθεσαν, e não com δαμάζω, “por meio dos trabalhos oriundos da guerra, dedicaram um décimo (*sc.*, do dinheiro obtido com o resgate dos cativos) (...) [para erigir] essas [éguas]”, o que, como se vê, gera uma sintaxe assaz convoluta e rompe com a unidade semântica mais natural entre Π₁ e P₁. Finalmente, em Diodoro lemos “ἐν πολέμῳ”,¹⁰⁶ uma leitura que, embora possível, parece ser uma simplificação pedestre da versão poética e, provavelmente, deve ter se originado por meio de hiper-correção do original. Uma vez que a pedra está danificada neste ponto, não é possível decidir a questão.

Ἔργμα, de seu turno, é uma forma poética e mais antiga de ἔργον encontrada pela primeira vez em Hesíodo,¹⁰⁷ e, depois, em Teógnis,¹⁰⁸ Sólon,¹⁰⁹ Píndaro¹¹⁰ e Ésquilo,¹¹¹ entre outros. Nunca, todavia, ele aparece junto de πόλεμος e jamais na combinação vista no III FGE. Mesmo uma busca nas inscrições epigráficas do banco de dados do PHI não revela nada parecido, além de, também lá, ἔργμασιν aparecer em apenas cinco inscrições,¹¹² dentre as quais a do epigrama em questão.

¹⁰⁴ O exemplo fornecido por Petrovic (2007, 216 n.24) ignora o fato de que é a *colocação* (i.e., a ordem dos elementos na frase) que é atípica, e não a sintaxe.

¹⁰⁵ Page 1975, 9, III.2: “ἐν:ἐκ C (εἰς ut uid.)”.

¹⁰⁶ Cf. nota 34.

¹⁰⁷ Hes. *Teog.* 823; *Erga* 801.

¹⁰⁸ Teógnis, 29 W².

¹⁰⁹ Fr. 4.11 W².

¹¹⁰ Pind. *N.* 4.6.

¹¹¹ Respectivamente, *Sete contra Tebas* 555; *Eumênides* 501.

¹¹² Todas tardias. IG II² 5768, iv sec. a.C.; III FGE (IG I³ 501; Raubitschek, DAA 168 e 173); Aphrodisias 732, vi séc. d.C.; Ephesos 3083, período romano; IK Laodikeia am Lykos 11, v/iv séc. a.C.; SEG 24:1243, não datada, porém tardia, período romano talvez.

H₂ ἔθνεα Βοιωτῶν καὶ Χαλκιδέων δαμάσαντες

Ἔθνεα aqui é certamente usado com o sentido (pré-)homérico de “horda, rebanho, multidão” especialmente de animais, pássaros e insetos (p. ex., μελισσῶν, ὄρνιθων, μυιάων),¹¹³ p. ex., “ἐπεσεύοντο δὲ λαοὶ / ἦῤτε ἔθνεα εἴσι μελισσῶν ἀδινάων / πέτρης ἐκ γλαφυρῆς” (“os soldados juntavam-se apressados: como um grosso enxame de abelhas sai / de uma oca pedra”)¹¹⁴; Lucílio, “γυπῶν ἔθνεα καὶ κοράκων” (“raça dos abutres e dos corvos”).¹¹⁵ Uma vez que δαμάσαντες remete-nos à principal atividade dos calcídios e eubeus (e também a Η₁ do Π FGE), domar cavalos e, igualmente, por esses serem agrupados em rebanhos pelos campos, pode haver uma fina ironia nesse verso, que retrata os domadores como domados, fugindo em bandos para o abrigo das colinas do Dirfi.¹¹⁶ Note, finalmente, a clara oposição entre os “filhos dos Atenienses” e “os bandos de beócios e calcídios” no início de P₁ e H₂: παῖδες x ἔθνεα.

P₂ τῶν ἵππους δεκάτην Παλλάδι τάσδ' ἔθεσαν.

a) ἵππους (...) τάσδ': Atena, sendo a deusa virgem por excelência, recebe, como oferta, uma quadriga de *égguas* (τάσδε), já que o cavalo, símbolo de força sexual e atributo de Posidão (com quem, aliás, ela competiu pelo padroado da cidade), seria extremamente inadequado. A quadriga obviamente deve representar a carruagem da deusa *Níkē*, ou Vitória, e é mesmo provável que a tivesse como auriga.¹¹⁷ A metáfora da “carruagem da Vitória” seria facilmente apreendida pelos atenienses e não é estranha aos que estudam a linguagem dos epinícios, onde o tropo aparece pela primeira vez no fr. 79 (Campbell) do *P. Oxy.* 2430,¹¹⁸ vv. “ἀρέσθ[αι τε] κῦδος εὐωνύμου / Νίκας ἐς ἄρ[μα] [(βά)ντες]” de Simônides. Além disso, como ressalta Petrovic, a deusa está associada à doma do cavalo por meio da invenção do freio e era nessa qualidade, desde há muito, cultuada como ἵππεια ou χαλινίτις.¹¹⁹

b) ἔθεσαν: Schneidewin, considerando essa forma uma corruptela, corrige-a para ἀνέθεν, numa analogia com o fr. XIII FGE.¹²⁰ Bergk a restitui

¹¹³ Talvez a partir de um radical indo-europeu **suedh-nos*, que, segundo Frisk, IEED, 1448–9, significaria “Schar, Haufe, Schwarm (von Menschen und Tieren; Hom., Pi., A.)”.

¹¹⁴ *Iliada* 2.87; cf. tb. 2.459 e 469.

¹¹⁵ Lucílio, *AG* 11.191.6.

¹¹⁶ Petrovic 2007, 216.

¹¹⁷ Cf. Baumbach 2010, 124.

¹¹⁸ Ed. et suppl. Lobel, *P. Oxy.* vol. 25.

¹¹⁹ Petrovic 2007, 216. Cf. ainda Paus. 1.30.4; 1.31.6.

¹²⁰ Schneidewin 1865: “Vulgo ἔθεσαν : codex ἀνέθεσαν. Hinc ἀνέθεν restitui, de qua forma v. Epigr. 117.2”.

para a forma atual que, segundo Page teria o mesmo significado de ἀνατίθημι, ou seja, “dedicar e, como exemplo que suporte sua tese, cita o fr. Sim. xxiv FGE,¹²¹ “σῆματα ταῦτ’ἔθεσαν παρθένω Ἀρτέμιδι”, no entanto aqui, como em outras passagens, ἔθεσαν pode simplesmente significar “erigiu, construiu, fez”, já que, pelo caráter do monumento, seria mais do que óbvio a qualquer um que o contemplasse que se tratava de uma oferenda votiva.

REFERÊNCIAS

- Baumbach, M., A. Petrovic, e I. Petrovic. 2010. *Archaic and Classical Greek Epigram*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Beekes, R.S.P., and L. Van Beek, eds. 2009. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden/Boston: Brill Academic Publishers. (Leiden Indo-European Etymological Dictionary Series v. 10, 1–2).
- Bergk, T., ed. 1878–1882. *Poetae Lyrici Graeci*. Leipzig. 3 vols. (Vol. 3, 1843).
- Boas, M., ed. 1905. *De Epigrammatis Simonideis. Pars prior: commentatio critica de epigrammatum traditione*. Groningen: J. B. Wolters.
- Brose, Robert de. 2007. “Os fragmentos atenienses de Simônides: um estudo das fontes epigráficas anteriores a 480 a.C.” Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- Brose, Robert de. 2008. “Os epigramas IG3 503 e 504: uma reavaliação.” *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 18:239–57.
- Brose, Robert de. 2011. “Epigramas Bélicos e a elegia à Batalha de Platéias.” (*n.t.*) *Revista Literária em Tradução* 1:302. Disponível em: <<http://www.notadotradutor.com>>.
- Corrêa, Paula C. 1998. *Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Derderian, K. 2001. *Leaving words to remember: Greek mourning and the advent of literacy*. Leiden: Brill. (Mnemosyne, Bibliotheca Classica Batava, v. 209).
- Frame, D. 1978. *The Myth of Return in Early Greek Epic*. New Haven: Yale University Press. (Disponível em <http://chs.harvard.edu/CHS/article/display/4317>, acessado em janeiro de 2011).
- Friedländer, P., and H. B. Hoffleit, eds. 1948. *Epigrammata: Greek inscriptions in verse from the beginnings to the Persian Wars*: Univ. of California Press.
- Hauvette-Besnault, A. 1896. *De l'authenticité des épigrammes de Simonide*. Paris: F. Alcan.
- Hecker, A. 1843. *Commentatio Critica de Anthologia Graeca*. Leiden: S. et J. Luchtmans.
- Hicks, E. L., and G. F. Hill. 1901. *A Manual of Greek Historical Inscriptions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jacoby, F. 1945. “Some Athenian Epigrams from the Persian Wars.” *Hesperia* 14(3):54.
- Kaibel, G., ed. 1878. *Epigrammata Graeca ex Lapidibus Conlecta*. Berlin: Reimer.

¹²¹ Ver texto e tradução em Brose 2011.

- Mallory, J.P., and D.Q. Adams. 2006. *The Oxford Introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European World*. Oxford Linguistics. Oxford: Oxford University Press.
- Molyneux, J.H. 1992. *Simonides: A Historical Study*. Illinois: Bolchazy-Carducci Publishers.
- Nagy, G. 1990. "Sêma and Nôēsis: The Hero's Tomb and the 'Reading' of Symbols in Homer and Hesiod." *Greek mythology and poetics*. Ithaca: Cornell University Press. (Disponível em <http://chs.harvard.edu/CHS/article/display/1289>, acessado em janeiro de 2011).
- Page, D. L., ed. 1975. *Epigramata Graeca*. Oxford: Oxford University Press. (Oxford Classical Texts.)
- Page, D.L. 1981. *Further Greek Epigrams*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Paton, W.R., ed. 1979. *The Greek anthology*. 5 vols. Massachusetts: Harvard University Press. (Loeb Classical Library).
- Petrovic, A., ed. 2007. *Kommentar Zu Den Simonideischen Versinschriften*. Leiden: Brill. (Mnemosyne: Bibliotheca Classica Batava, v. 282).
- Schneidewin, F. W., ed. 1835. *Simonidis Cei Carminum Reliquiae*. F. Vieweg.
- Segal, C. 1976. "Bacchylides Reconsidered: Epithets and the Dynamics of Lyric Narrative." *QUCC* (22):99–130.
- Sider, D. 2007. "Sylogē Simonidea." In *Brill's Companion to Hellenistic Epigram*, edited by P. Bing e J.S. Bruss, 113–30. Leiden/Boston: Brill.
- Turner, E. G. 1962. "Simonides and the epigram on the fetters of the Chalcidians in a new papyrus." *PCA* 59:21–2.
- West, S. 1985. "Herodotus' Epigraphical Interests." *The Classical Quarterly* 35(2):278–305.



Title. The *demos* goes to war: translation and commentary of fr. II and III FGE attributed to Simonides of Ceos.

Abstract. In the present paper, I shall translate and present a commentary of fr. II and III FGE, attributed to Simonides of Ceos. Based on the literary analysis, the historical context and textual evidence, I shall argue, together with previous scholars, that both epigrams refer to the same event, namely, the Battle of Chalcis (c. 507/6 BC). In this scenario, I shall propose that fr. II FGE refers to the Athenian fallen in combat, and that the inscription was probably part of a monument placed *in situ* or in a *mnēma* at the city of Athens. On the other hand, III FGE, which presents a thematic unity with the previous epigram, may have been part of a monument commemorating the victory of the Athenians over the Boeotians in that same battle.

Keywords. Simonides of Ceos; epigram; II FGE; III FGE.